



A comunidade da Quadra retratada pela grande mídia sob o olhar crítico dos jovens moradores do local.¹

Milena de Castro RIBEIRO²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo analisa a relação dos jovens moradores do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo (Quadra), em Fortaleza-Ce, com a produção jornalística realizada pela grande mídia sobre esta comunidade. A partir dos depoimentos jovens moradores da Quadra é possível perceber o que eles pensam sobre a imagem da comunidade retratada na grande mídia e como eles intervêm nessa situação. Os dados da análise são dos grupos focais realizados com a participação de seis jovens durante a pesquisa de monografia em 2007.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania; mídia; comunidade; comunicação.

Introdução

Este artigo foi desenvolvido com base em dados dos grupo focais realizados na pesquisa de monografia de conclusão de curso de graduação, quando foi dado início à pesquisa acadêmica no Conjunto Habitacional São Vicente de Paula, em Fortaleza – Ce³. Também dá continuidade às reflexões iniciadas no artigo apresentado na Intercom Regional Nordeste 2011⁴, quando foi analisada a relação dos moradores da comunidade com o entorno através de notícias repercutidas na grande mídia e no jornal comunitário.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem do Programa de Pós-graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC, email: milenabrasil@gmail.com.

³ A referida pesquisa – “O luxo da aldeia: a comunidade da Quadra sob o olhar jovem” – foi desenvolvida em 2007 e apresentada para obtenção de título de bacharel no Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC. Através da pesquisa, foi possível resgatar a história do conjunto habitacional, delimitando o cenário em que surgiu a então favela até a urbanização e o contexto atual, além de analisar os vários grupos formados por jovens na comunidade. A comunidade surgiu na década de 50, é também conhecida como “Quadra” e fica localizada no bairro Aldeota, em Fortaleza-Ce, delimitado pela Avenida Virgílio Távora e as ruas Beni de Carvalho, General Tertuliano Potiguara e Vicente Leite. De acordo com o Censo de 2000, residem nesta comunidade mais de 600 famílias, ocupando 444 casas. Atualmente, apesar da imprecisão dos dados, é estimada a presença de mais de 5.000 moradores.

⁴ Artigo apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Maceió – AL – 15 a 17 de junho 2011, no DT 07 Comunicação, Espaço e Cidadania. “A Nata do lixo: a comunidade da Quadra e a relação com o outro através da mídia”, pela autora.



A partir dos depoimentos de seis jovens moradores da Quadra sobre a forma como a comunidade é retratada pela grande mídia, é possível analisar questões sobre cidadania e as conseqüências das práticas de comunicação para uma comunidade. Interessa-nos focalizar particularmente as reflexões desses jovens sobre a representação da comunidade feita pela mídia de massa.

Neste artigo, trago discussões sobre a relação dos jovens moradores da Quadra com a produção jornalística realizada pela grande mídia, o que eles pensam sobre o que é colocado em evidência sobre a comunidade e como eles intervêm nessa situação.

O interesse em realizar a pesquisa nesta comunidade surgiu a partir do desenvolvimento de oficinas de comunicação que culminaram na produção do jornal comunitário “Voz da Quadra”, durante o 4º semestre do curso de graduação, na disciplina de Jornalismo Comunitário⁵. A partir das oficinas iniciadas em 2005 e com a rotina de produção do jornal que permanece até os dias atuais, passei a frequentar a comunidade da Quadra e isso permitiu que fosse estabelecido um convívio, estimulando cada vez mais a experiência de pesquisa na comunidade, o que pretendo continuar no projeto de mestrado que está sendo elaborado.

Perfil dos jovens entrevistados

Para a elaboração desta análise, tomamos por base os resultados dos grupos focais realizados na pesquisa de monografia já citada. O grupo focal teve a participação de seis jovens moradores da Quadra, com idades entre 12 e 19 anos. Foram realizados dois encontros, no início de junho de 2007, com duração de cerca de 1 hora cada. Além da disponibilidade para participação na pesquisa, os adolescentes ou jovens foram selecionados a partir das variáveis: idade, moradores da comunidade da Quadra, integrantes do grupo do jornal ou da igreja. Levantamos um conjunto de narrativas dos moradores para facilitar a compreensão dos fenômenos.

A escolha de realizar o grupo focal foi feita com base na compreensão de que a discussão entre os jovens iria possibilitar um melhor aprofundamento nas respostas para os questionamentos propostos na pesquisa. A escolha dos jovens que integram o grupo

⁵ A experiência do Jornal Voz da Quadra foi relatada em artigo apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. “Voz da Quadra: a experiência do jornal comunitário no conjunto habitacional São Vicente de Paulo (Quadra)”, pela autora.



da Igreja foi realizada por representar um grupo que tem uma atuação forte na comunidade. Já os jovens que fazem o jornal comunitário poderiam contribuir com a discussão sobre a mídia e trazer uma nova visão sobre esse assunto com base na experiência vivida no jornal comunitário.

As interpretações sobre as visões desses jovens não foram desenvolvidas apenas a partir dos depoimentos do grupo focal, mas também pelas observações na comunidade, conversas informais, além de dados pesquisados sobre o bairro anteriormente.

A minha interpretação, apesar de ser de segunda ou terceira mão, ou seja, interpretação de interpretações (GEERTZ, 1978), de maneira análoga à dos entrevistados (que é de primeira mão), considera elementos do conhecimento, da memória, da vivência, para ir construindo uma visão ordenada que, neste caso, pretende ser racionalmente lógica (...) A intenção é que, ao percorrer desta maneira os meandros dos discursos e do conjunto de discursos e da vivência a que se referem, perseguindo os detalhes, diferenças, incoerências, ambigüidades, possa construir uma interpretação que amplie o entendimento sobre a sociedade em que vivem os informantes e sobre como eles a vivem (CALDEIRA, 1989, p.146).

Na observação participante, o pesquisador tem acesso a informações complementares, sendo capaz de relacionar as observações e o que é apurado na pesquisa realizada. As visitas freqüentes à comunidade para as reuniões do jornal comunitário e, com o passar do tempo, a maior aproximação com os jovens que realizam o jornal me permitiu já estar realizando uma observação participante.

Para GOMES & COGO (1998:46), a pesquisa realizada em um ambiente natural possibilita o pesquisador “se aproximar do ato comunicacional sem descontextualizá-lo. Desse modo, na medida do possível, não o deturpa nem o altera”.

Entre os entrevistados, duas jovens são moradoras recentes da comunidade. Priscila⁶, de 12 anos, morou no Parque Albano⁶ antes de se mudar há cerca de três meses para a casa de seus avós, com os pais, três tios e irmão. Desde muito pequena, a adolescente já freqüentava a comunidade para visitar a avó. Atualmente, ela estuda em um colégio militar e integra o grupo de jovens da Igreja. Fabiana, de 18 anos, veio do bairro Pio XII e estava morando há 6 meses na Quadra, na casa de um familiar. A jovem estava começando a integrar o grupo de jovens da Igreja e já concluiu os estudos.

⁶ Todos os nomes apontados na pesquisa são fictícios para preservar a identidade dos participantes.



Os outros 4 participantes: Daiane, Alessandra, Camila e Rafael moram na Quadra desde que nasceram. Daiane, de 19 anos, mora com a mãe e os irmãos. Ela integra o grupo de jovens da igreja e participa do projeto Oboé Cidadania, além de estudar em uma escola pública.

Alessandra, de 18 anos, mora com os pais, irmão e sobrinho. Ela já concluiu os estudos e trabalha, além de fazer parte do grupo do jornal e de jovens da Igreja, assim como Camila, de 19 anos. A jovem mora com a mãe, três irmãos e Fabiana.

Rafael, de 15 anos, é o único que estuda em uma escola particular, que fica próxima à Quadra, mora com os pais, uma tia e um sobrinho. Ele participa do jornal comunitário e do grupo de jovens da igreja.

Esses jovens têm uma rotina diária dividida entre escola ou trabalho, de manhã e à tarde, e atividades dos grupos que são envolvidos e/ou lazer durante a noite. A maioria permanece na Quadra nos finais de semana, apenas uma jovem viaja com maior frequência para visitar o namorado no interior.

Além de assistir televisão, outra atividade de lazer desses jovens são frequentar a “lan house” e encontrar os amigos da Quadra para conversar. Esses encontros geralmente acontecem após as reuniões do grupo de jovens da Igreja, aos sábados à noite, e durante as reuniões do jornal comunitário.

Para se divertir, alguns jovens também frequentam as festas no Salão aos domingos, vão à sorveteria, ao cinema, à praia ou saem com amigos. A grande parte permanece na Quadra e reclama da falta de opções de lazer na comunidade.

A maioria só tem contato com notícias de jornal impresso através do acesso na escola ou trabalho. O único que tem acesso na escola estuda em uma instituição particular. Todos eles afirmaram assistir aos telejornais. Revista e rádio foram pouco citados.

Visão dos jovens

O relato dos jovens coloca em evidência a construção social midiática que considera algumas áreas na cidade como “perigosas”, “violentas” ou “repugnantes”. Locais que são estigmatizados por representações reveladas por estatísticas, por número de ocorrências, como pela construção do imaginário midiático da segregação (FREITAS, 2007).



Ao solicitar que os jovens relatassem notícias sobre a Quadra que saíram nos grandes veículos de comunicação, as lembranças são desde a morte de um morador até a via sacra. É possível perceber que essa parcela só deixa de ser invisível em tragédias, crimes ou festas. A maioria dos jovens lembra as notícias que relacionam a Quadra a aspectos negativos. Grande parte são notícias de televisão, que se apresenta como o meio de comunicação mais utilizado pelos jovens para se manter informados, como podemos conferir nos relatos a seguir.

Aí já mostraram minha casa! Porque ela [repórter] chegou lá na nossa casa falando: “Não, é porque a gente tá fazendo uma reportagem sobre o que o pessoal da classe mais baixa, da periferia, tá comendo”. Aí ela chegou num dia que tinha bife, né? Aí ela perguntou: “A senhora não tem ovo, não? Pra mostrar na reportagem”. Desse jeito! Aí eu: “Não mãe, compre não, pra mostra que a gente tá passando fome, comendo ovo de segunda a segunda! Não compra não mãe!”. Aí a mãe: “Menina, deixa de ser mal educada!”. Ela queria, sei lá, encaminhar a reportagem. Ela foi procurando uma coisa, só que ela não achou aquilo, aí queria continuar mostrando aquilo que ela pensava. Que ela achava que a matéria tava toda pronta e só faltava a filmagem, né? Encaixar no texto dela. (Alessandra)

Tipo, tem alguma coisa que eles falam assim, que é, mostra como é a Quadra mesmo, o dia-a-dia da gente e tal, mas tem alguns programas que só mostram o lado mal, só o lado ruim da Quadra. Por exemplo, (...) tem às vezes que eles passam, justamente porque o pessoal costuma muito lavar roupa e estender do lado de fora, assim, sabe. Aí eles sempre passam assim pra filmar justamente quando o pessoal bota as roupas no varal. Aí eles só mostram aquilo, às vezes. Aí, tipo, têm várias casas que não têm roupa, eles só filmam as que têm roupa no varal, bate foto das que têm roupa no varal, eu já vi algumas coisas que não tem nada a ver. (Daiane)

A única notícia que eu lembro que veio da Quadra foi a morte do homem da rua lá da frente, do João de Barro. É um homem que morreu de um tiro, ali em frente a casa do Kilve. Foi no jornal “Barra Pesada” e “190”. (Priscila)

Eu já vi três vezes notícias sobre a Quadra. Não três vezes não, quatro eu acho, foram quatro. Primeira vez foi no “Jornal Hoje”, eu não lembro bem o que era, mostrou a Quadra mesmo, só as coisas assim, “como a Quadra é legal”, as coisas assim, entendeu? Daí a outra vez, que eu lembro, foi na época que teve um concurso da TV Verdes Mares de rua mais animada. Aí ganhou uma rua lá da Quadra, (...) Foi na copa, eu acho, que a rua mais animada, que ficasse mais bonitinha as coisas, em vários outros cantos. Aí acabou ganhando uma rua da Quadra, que foi a Santa Inês, não, foi a rua Santa Cecília que ganhou. Foi a rua do baixinho, que ficou toda pintada. Aí outra, foi o Central da Periferia, outra foi a que saiu a Érika, do MV Bill, do Paulo, no jornal, que eu vi n’O Povo. E a outra que também foi n’O Povo foi a do Cristiano, que esculhambaram o Cristiano. (Rafael)

Aquele Jornal Hoje, que ele passava antigamente, quando saía a via sacra, aí ele costumava passar...(Daiane)

- Não. Não era o Jornal Hoje, era o jornal daqui mesmo de Fortaleza. (Rafael)

- Era isso! Aí costumava passar de manhã, eles mostravam de manhã assim, a via sacra, até a noite. Tinha também, às vezes que os meninos iam jogar, aí mostravam os meninos jogando futebol no salão, o posto, às vezes. É ...tirando “190” e “Barra Pesada”... (Daiane)

É importante destacar a visão crítica que os jovens apresentam nos depoimentos acima, em relação a esse jornalismo que busca estereotipar a pobreza. Os jovens mostram compreender plenamente a intenção desse tipo de situação que tende a reproduzir uma imagem preconceituosa da realidade das comunidades pobres.

A jovem que recebeu a visita da jornalista que procurava fazer imagens de uma família comendo ovo, mostra como funciona esse tipo de jornalismo que apenas é capaz de reproduzir discursos pré-estabelecidos, utilizado-os para legitimar imagens pré-concebidas. E vale destacar também que existe espaço para notícias positivas, como as notícias lembradas pelo jovem Rafael.

Daiane, 19 anos, representa bem o pensamento da maioria dos entrevistados de que a Quadra não pode ser considerada uma *favela*, como a mídia mostra. Para ela, “*favela* era antigamente”, antes da urbanização, e deixa bem claro que não gosta de ver sua comunidade tratada pela mídia com esse termo.

De acordo com LYNCH (1988: 57), “a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores (...) Há também outros fatores influenciadores da imagem, tais como o significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome”. E o que é percebido é que o termo “favela” e algumas vezes o próprio nome “Quadra” carregam um significado que incomoda parte dos moradores, que preferem ser considerados um “conjunto habitacional”.

Eu não vou mentir que eu não gosto quando dizem que ali é uma favela, né? Que pra mim, como o pessoal diz, favela era antigamente, casa de tábuas, era lama, não era aquele negocinho que tem agora. Era lama por cima de lama, mato, rato passando e a casa caía, lixo. Aí agora, a diferença de um conjunto, de uma comunidade, que é tudo tipo na sua casinha, cada um tem seu espaço, dividido, não é como por aí, que eu já vi muita casa por aí, que o pessoal tem a sua casa, aí você entra na casa de um, aí você saiu na casa de outro. Você pisa numa sala, aí você tá pisando na cozinha da outra família da outra casa. Ali não, ali é casa dividida, cada um tem sua casa, é parede com parede. (Daiane)

Uma vez uma amiga minha lá do colégio ela foi fazer umas coisas lá na minha avó. Aí ela chegou: “Mulher, tu mora nessa favela?!”. Aí eu falei: “Olha, aqui



como tu fala aqui da Quadra (...) aqui também não é uma favela, é uma comunidade”. (Priscila)

Não é que não seja uma favela, é porque assim, eles pegam os detalhes que caracterizam alguma coisa que seja uma favela (...) Tipo, eles querem mostrar que o pessoal favelado só come ovo, que os meninos só vivem descalços na rua, a rua é lotada de roupa. Tiraram foto também de gente sentada na calçada, diz que o povo não tem o que fazer, entendeu? As características que eles mostram de favela.(Camila)

Eles pegam, aí tipo assim, a mulher acabou de lavar roupa, tipo, aí joga água no rego, aí todas as ruas não tem água, né? Não tem água passando, mas ele tira foto só naquela rua que tá passando, mesmo na hora que tá passando, só aquela água com sabão. Não é nem lama, mas lá eles saem como se fosse lama. A foto é preto e branco ninguém vai saber se é lama ou se é sabão. (Alessandra)

Aí eu digo assim: nem o povo de fora que tem...A Patroa da minha mãe foi deixar uma vez umas coisas lá em casa, aí ela entrou de carro, aí ela falou assim: “Nossa! Aqui dá pra entrar carro, entra até caminhão!”. Aí eu olhei assim pra cara dela ...“Valha como aqui é limpinho! A gente vê no jornal e não é assim!”. Aí a mãe pega e diz assim: “Aqui sempre foi limpo! Né nem as favelas por aí, aqui é um conjunto, não é uma favela não!”. (Daiane)

Um dos jovens lembrou também que na época em que havia “ganguê” na Quadra, saíram notícias de políticos visitando a comunidade. E em época de comício, quando também mostraram a Quadra.

De acordo com FREITAS (2007:04) a contribuição midiática na repercussão de certos acontecimentos, como o crime, estimula a segregação. Os meios de comunicação agem como “construtores privilegiados de representações sociais” sobre o crime, a violência.

Os habitantes desses espaços são tidos como marginais, já que “a identificação imediata entre violência e miséria implica, necessariamente, a associação entre criminalidade e classes baixas, segundo a qual o pobre marginalizado tende, inexoravelmente, para o crime” (BENEVIDES, 1983, p.46).

De acordo com os jovens, os assaltos, quando divulgados nos jornais, também contribuem para piorar a imagem da comunidade, pois leva a imaginar que os assaltantes são moradores da Quadra ou vieram de lá.

BENEVIDES (1983:22) explica que “essa violência noticiada pela ‘grande imprensa’ com destaque refere-se aos delitos dos já chamados ‘marginais’ – como roubos, assaltos, furtos, ‘trombadas’ – e que passaram a atingir, de forma espetacular, os bairros de classe média e da burguesia (...) contribui para reforçar a estigmatização das



‘classes perigosas’ – o pobre será sempre o suspeito, o bandido em potencial, quando não ‘de nascença’ – e para *dramatizar* o quadro da violência urbana”.

Para os jovens, os assaltos que ocorrem próximo à comunidade não são praticados por moradores do local, mas pelos “de fora”. Mas é preciso destacar a forma idealizada que, outra vez, os jovens fazem da própria comunidade, porque, ao mesmo tempo em que eles têm conhecimento de assaltantes da própria comunidade, preferem acreditar que esses casos envolvem apenas pessoas “de fora”.

Porque, praticamente é falando, já dando a intenção de quem lê, a imaginar assim: “Ah, o pessoal vai entender que no cruzamento, com certeza os ladrões são dali de dentro”. Que o ladrão é dali [da Quadra], que o bandido é dali. Como todo mundo, a maioria do pessoal quando passa por aqui, passa de carro, eles: “Ah, foi assaltado bem ali, foi alguém dali”. Se todo mundo for perceber aqui, qualquer assalto que rola aqui por perto, a polícia só vai bater ali dentro [na Quadra]. Todo mundo tem que, percebe na hora que, o pessoal imagina logo: “Ah, foi assaltado por ali perto, é dali de dentro [da Quadra]”. Quando na realidade é de fora. (Daiane)

O Rafael é um exemplo, o Rafael foi assaltado a um quarteirão da casa dele, sendo que não por ninguém da Quadra. E ele é da Quadra e sabe que não era da Quadra o menino, e nem era do Trilho, porque o pessoal do Trilho também não rouba o pessoal da Quadra. (Alessandra)
- É tipo, porque eles querem, tem que botar a culpa em cima de alguém, então, bota do lado mais fraco. (Daiane)

Acho que se todo empresário que morasse na Aldeota e prezasse por segurança investia nessas comunidades vizinhas ao invés de ficar só apontando o dedo e dizendo que só tem marginal. Investia em alguma ONG, mesmo que ficasse assim por trás, mas investia em lazer, em educação, pra futuramente ele pensar em ter qualidade de vida e não ter que sair na rua com medo, porque ele vai saber que aqueles meninos ali ele contribuiu pra ser meninos de bem e não pra ficar sem fazer nada e depois tá se maldizendo mais e mais e se agravando. Porque eu acho que isso é uma culpa de todos, não é só da comunidade não. (Alessandra)

Mesmo na tentativa de afastar a situação de assaltos e violência da responsabilidade de pessoas da comunidade, a jovem Alessandra ao dar como solução o investimento dos empresários na comunidade, como forma de prevenção à violência, acaba afirmando a existência dessa possibilidade, diferente dos outros participantes que negaram essa situação.

Uma jovem acredita que, em muitas notícias, a realidade da Quadra é comparada de forma depreciativa com o modo de vida dos moradores dos condomínios localizados ao redor da comunidade. Outra jovem destaca a forma como essa diferença social entre



os moradores da Quadra e os moradores dos condomínios da Aldeota é explorada pelos veículos de comunicação. Para Alessandra, 18 anos, “é uma diferença que existe, mas é real e não exagerada, como eles mostram”:

Porque sempre que uma TV grande vai filmar a Quadra, sempre mostra de dentro da Quadra pra fora, pra mostrar que tem um bocado de prédio em volta. Eles pega a rua, eu cansei de vê, tem uma rua que é a preferida, que é lá em frente ao Dielson. Eles pegam e filmam lá, aí vem assim, que você vê a diferença entre os telhados e os prédios. Eu adoro aquela imagem, eu acho massa. Eu acho legal porque eles estão vendo a diferença, mas eu também acho ruim porque é do ponto de vista deles. No meu ponto de vista, eu acho massa, porque eu vejo a minha realidade, mas ao mesmo tempo eu não me perco da minha realidade, porque assim que eu olho pra cima, dá pra vê a diferença. Não dá pra você se perder direto lá, você tá andando, aí você olha pra cima e vê a diferença social. Aí eu acho massa do meu ponto de vista, que é duas realidade e eu gosto da minha. Aí, quando a televisão vai pra lá e mostra diferentes classes social, aí assim que mostra aquela imagem, vira pra um menino lá de pés descalço passando correndo, sem camisa, só de cueca, ou então nu. (Alessandra)

Através do depoimento da jovem, é possível destacar que ela reconhece a diferença social existente entre os moradores da Quadra e os vizinhos do entorno, mas considera que a forma como isso é explorado nas notícias é “do ponto de vista deles”, dos veículos de comunicação. Preocupados em estigmatizar e mostrar a pobreza, sem uma reflexão mais profunda sobre as questões que levam a essa desigualdade social.

Outro aspecto relevante mostrado no depoimento é que os moradores da Quadra vêem essa diferença social de outra forma, eles estão sempre sentindo e percebendo a diferença, enquanto os “de fora” parecem não se preocupar muito com isso.

E a imagem reforçada pelas notícias de jornais e assimilada pelos moradores do entorno da Quadra e da cidade em geral é alvo de críticas dos jovens entrevistados. Todos eles dizem acreditar que existe “muita” diferença entre o que é mostrado na mídia sobre a Quadra e o que realmente existe, adotando um tom de reprovação e revolta.

Os jovens acreditam que a principal diferença entre as notícias dos grandes jornais da cidade e do jornal comunitário está no fato de que o jornal é feito por moradores da própria comunidade, que vão sempre querer reforçar o lado positivo do local, para construção de uma autoimagem.

Para OLIVEIRA (2011:113), “a mídia comercial destaca o momento da violência e os atores envolvidos no drama social de forma negativa, a mídia dos movimentos sociais enfatizará a luta, a memória, o lazer e os heróis dessa vida



cotidiana, elevando sua imagem na sociedade”. Os relatos a seguir exemplificam essa idéia:

Acho que é assim, por ser um jornal feito pelo pessoal da Quadra, então acho que a gente procura passar realmente a melhor imagem da comunidade. Enquanto, é, os jornais de grande circulação, assim O Povo, Diário, essas coisas, tão mais preocupados com a notícia. Enquanto a gente tá preocupado em levantar a moral da Quadra, eles estão preocupados com a repercussão da notícia que isso pode levar. Acho que é isso. (Rafael)

Na minha opinião, a diferença não é assim o que a gente vê e lê nos dois. Porque o jornal da Quadra é feito por assim, por pessoas que moram na Quadra, pessoas que convivem ali dentro, que conhecem os problemas dali de dentro, que conhecem. Como todo mundo se conhece. Só no pessoal do jornal fazendo o jornal é diferente, diferente de uma pessoa, de um fulaninho que vem de tal canto falar de uma coisa que não tem nada a vê aqui na Quadra. Tipo, ele passou e viu o pessoal conversando, então ele pega a diz assim: “A Favela da Quadra não são unidos, vivem discutindo, não sei o quê”. Diferente de uma pessoa que mora ali na Quadra e vê aquilo como algo que se tá discutindo por alguma coisa. Aí a diferença de uma coisa pra outra, é a diferença de ser escrita por pessoas que vivem e outra de pessoas que nunca pisaram e quando pisam é pra falar besteira. (Daiane)

A diferença do pessoal de fora, do jornal de fora com o jornal da Quadra. Começando também pelo fato de que é os próprios moradores, jovens moradores que fazem o jornal não vêem o mesmo jeito a Quadra, como o pessoal de fora vê. Porque se você for pegar um jornal que sai alguma notícia da Quadra, você já espera: “Vixe! Tão falando mal da Quadra!”. Dependendo do tema, né, também, aí já espera isso. Não, tipo: “Favela não sei o quê, não sei o quê”, “aconteceu não sei o quê na favela das Quadras”, “houve um movimento de hip hop na Quadra”. É tipo, tem uma visão diferente que nós mesmos temos. (Camila)

O que pode ser destacado é que os jovens tratam como “a gente” pessoas de dentro da Quadra, que conhecem a realidade, e “os de fora” como a população do entorno ou mesmo os que não convivem no local, e por isso não conseguem entender o que a Quadra representa. Eles acreditam que a maneira como os próprios moradores vêem a comunidade é diferente da maneira com que “os de fora” vêem, e isso pode ser constatado nas coberturas do jornal comunitário⁷ e dos jornais de grande circulação.

⁷ Para Peruzzo (2011:22), a comunicação comunitária se caracteriza por “processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente – propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania”.

A comunicação popular, alternativa e comunitária se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. (PERUZZO, 2011, p.13)

Para Camila, 19 anos, a Quadra deveria ser tratada nas notícias de jornais de uma forma mais positiva. Questionada sobre como ela costuma falar sobre a Quadra para pessoas de fora da comunidade, a jovem explica que procura reforçar a diferença entre o que é mostrado nos jornais e o que realmente existe.

Eu falo muito que assim, sempre quando é pra fora, eu fico muito na tecla de que na Quadra não é o que a imprensa diz. Que muitos da imprensa dizem, né? Que a Quadra não é aquilo, a Quadra tem pessoas de bem, tem muita gente trabalhadora, gente que gosta de estudar, gente que é isso, gente que é aquilo. (Camila)

Isso mostra novamente a preocupação desses jovens em preservar a imagem da comunidade, como um local tranquilo e de gente trabalhadora, diferente do que é apresentado geralmente nos jornais.

Para OLIVEIRA (2011:110), “o que ocorre é uma apropriação contrária ao que a mídia comercial faz das realidades dos movimentos populares. Seja nos jornais impressos ou na televisão comercial, as classes populares aparecem como protagonistas das imagens e cenas sociais da violência”.

Acreditamos que na construção dessa autoimagem, os movimentos sociais revelam uma apropriação da comunicação mais consciente do papel que a mídia comercial exerce sobre a sociedade. Sabem que esta prioriza a apresentação dos excluídos como atores principais da violência, pois o processo de abordagem da mídia pelos movimentos sociais populares é completamente diverso do modelo comercial. (OLIVEIRA, 2011, p. 112)

Ao mesmo tempo em que a maioria dos jovens entrevistados demonstra a preocupação em desmistificar a imagem negativa mostrada pela grande imprensa sobre a Quadra, eles reconhecem que no início o jornal falava “muito bem” da comunidade. Questionado se o jornal não estaria também exagerando quando trata mais sobre assuntos positivos da comunidade, Camila, 19 anos, explica:



Porque na realidade, antes, o jornal era muito assim, falava muito bem da Quadra, que ela era isso, isso. Só que na realidade, se a gente for prestar atenção, o Jornal Voz da Quadra também retrata coisas preocupantes da Quadra mesmo, tá mais crítico, tipo chamar atenção do povo mesmo da Quadra. O pessoal de fora que leu essa última edição [16^a], pensou assim: “Vixe! O pessoal não se preocupa com seus interesses!”. Mas, não é porque é um jornal comunitário da Quadra que tem que falar só bem da Quadra. Porque é, pelo contrário também, porque não tem graça um jornal que só fala bem da Quadra. Tem que retratar os pontos críticos também. (Camila)

Considerações finais

Pelos depoimentos colhidos no grupo formado por jovens da Quadra, podemos perceber o quanto eles criticam a imprensa feita por profissionais que buscam propagar idéias pré-concebidas sobre a comunidade, reforçando o estereótipo que relaciona pobreza à violência e às drogas.

Para eles, muitas notícias que mostram a Quadra generalizam certos problemas da comunidade, e os jornais de maior circulação acabam divulgando situações problemáticas que não acontecem em toda a comunidade. Em geral, eles criticam a forma preconceituosa com que parcela dos jornalistas trata a comunidade. Segundo eles, há, nesse sentido, muita diferença entre o que é mostrado no jornal comunitário e nos jornais de maior circulação, tais como O Povo ou o Diário do Nordeste.

Os jovens acreditam que o jornal comunitário, produzido pelos próprios moradores, consegue transmitir uma imagem mais realista da Quadra, ao projetarem um olhar da própria comunidade sobre seus problemas. Eles demonstram também uma visão crítica ao reconhecer uma tendência a minimizar os problemas da Quadra, em razão do compromisso do jornal comunitário com a promoção da auto-estima da comunidade.

Apesar de reconhecer que essa pesquisa é apenas inicial, foi possível perceber como esses jovens são conscientes da tamanha desigualdade e exclusão social vivida, e como a postura adotada pelas instituições de comunicação influencia a vida da comunidade. MENDONÇA (2011: 142) afirma que “uma das tarefas da crítica cultural e, sobretudo, da crítica midiática, deva ser realmente a de identificar e compreender o funcionamento e as dinâmicas dos processos comunicativos e sua participação na construção de visões de mundo”.



Para PAIVA (2011:31), a mídia tem atravessado todas as mediações tradicionais, como a família, religião, “a mídia tem sido a variável que mais influencia a estrutura social de maneira mais definitiva”. Por isso, os questionamentos levantados aqui, pelos jovens que sofrem diretamente o preconceito propagado em massa em grande parte das notícias de jornais, desenvolvem uma crítica pertinente ao jornalismo que opta por estigmatizar comunidades pobres, sem lembrar que pessoas, que crescem e vivem nesses locais, sofrem as conseqüências da produção desqualificada da informação para o público.

REFERÊNCIAS

- BARBALHO, Alexandre. FUSER, Bruno, COGO, Denise (orgs.). **Comunicação e Cidadania:** questões contemporâneas. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2011.
- BENEVIDES, Maria Victoria. **Violência, Povo e Polícia:** violência urbana no noticiário de imprensa. São Paulo: Editora Brasiliense/CEDEC, 1983.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Política dos Outros:** o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FREITAS, G. J. **Ser de dentro e estar de fora:** diagnóstico sócio-participativo do conjunto habitacional São Vicente de Paulo, em Fortaleza-Ce. Projeto de Pesquisa do Grupo Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano – GPDU/UECE. Fortaleza: 2007.
- GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise. **Questões conceituais e metodológicas.** In: GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise (orgs.). O adolescente e a televisão. Porto Alegre: IEL: Editora da Unisinos, 1998. p.09-60.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988.
- MENDONÇA, M.L.M. **Produção audiovisual e expressão da cultura subalterna no Brasil.** In: BARBALHO, Alexandre. FUSER, Bruno, COGO, Denise (orgs.). Comunicação e Cidadania: questões contemporâneas. Ed. Demócrito Rocha. Fortaleza, 2011, p. 141 – 156.
- OLIVEIRA, Catarina T. F. O. **Produção de notícia e valorização de sujeitos, o uso da internet pelos movimentos sociais populares.** In: BARBALHO, Alexandre. FUSER, Bruno, COGO, Denise (orgs.). Comunicação e Cidadania: questões contemporâneas. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2011, p. 110-125.
- PAIVA, Raquel. **Minorias flutuantes e ativismo social:** aspectos da contra-hegemonia na sociedade midiaticizada. In: BARBALHO, Alexandre. FUSER, Bruno, COGO, Denise (orgs.). Comunicação e Cidadania: questões contemporâneas. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2011, p. 28-40.



PERUZZO, Cicilia M. K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor.** In: BARABALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise (orgs.). Comunicação e Cidadania. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2011, p.09-27.